

Caso Galileu

A. Introdução

1. Opinião corrente de uma pessoa razoavelmente instruída a respeito do “Caso Galileu”:
 - Galileu era um cientista que procurava sempre a verdade racional das coisas, baseada na certeza da incontestável evidência experimental.
 - A Igreja Católica, instituição retrógrada e dominante, cujas idéias se baseiam numa fé cega na Bíblia, condenou-o à fogueira da Inquisição, já que o cientista resolveu contestar a Bíblia. Essa atitude da Igreja se explica na medida em que, se as idéias da Igreja fossem contestadas, perderia as prerrogativas com as quais dominava o povo ignorante.
 - No embate entre esses dois lados absolutamente opostos e inconciliáveis, o establishment eclesiástico massacrou o pobre cientista, que tornou-se então o paladino da verdade científica ao longo dos séculos contra o dogmatismo intolerante da Igreja Católica (a infame): um mártir da razão, exemplo para as gerações vindouras de que, definitivamente, um cientista verdadeiro jamais pode admitir que forças opressoras o silenciem etc.
 - Poucos personagens na história da humanidade foram tão evocados e com tão pouca propriedade, apesar de uma estatística recente apontar 8.000 trabalhos sobre o caso¹.
 - Muita gente usou o que ele disse e não disse para justificar preconceitos, e muita bobagem se falou em quase 400 anos. Em grande parte motivado pelos iluministas franceses.
 - Vamos ver é que não adianta simplificar as coisas e apontar um ou outro culpado, mas ter paciência e analisar com cuidado os fatos.
 - Vamos acabar observando o seguinte: os eclesiásticos, em nome da Igreja e cometeram dois erros fundamentais. O primeiro é outorgar à Inquisição a administração de penas temporais. O segundo foi um erro exegético², motivado pelo contexto histórico.
 - Galileu, por outro lado, cometeu outros dois erros: um erro científico e outro de prepotência. Por outro lado os eclesiásticos foram cientificamente mais rigorosos que o Galileu, que por sua vez tinha idéias teológicas mais acertadas que os eclesiásticos... De qualquer maneira, o caso não representa um conflito entre fé e razão, senão um problema teológico, histórico, humano e científico extremamente complexo.

¹ Klaus Fisher, Galileu Galilei, Barcelona, Erder, 1986, pg.9

² De não pesar a importância relativa correta do fato de haverem interpretações divergentes sobre a passagem em questão, que provavelmente não justificasse o processo canônico.

2. Vamos assim analisar o caso, do ponto de vista histórico e posteriormente tirar algumas conclusões.

- Os artigos consultados apontam três correntes historiográficas:
- Marxista, Tradição anglo-saxônica de história da ciência e dos defensores da Igreja, com seus respectivos autores. A maior parte das citações é de Stilman Drake, Galileo, Madrid, Aliança, 1983 (da 2ª. escola).
- Foram usadas aqui as seguintes referências: Juan Arana, Galileo: el hombre, el filósofo, el teólogo, *Atlántida*, Vol.1, No. 2, 1990; Jorge P. Cintra, Galileu, Ed. Quadrante, São Paulo, 1987.

B. Panorama social e acadêmico da época na Itália: filosofia, astronomia, governo, Igreja

Filosofia

- Período anterior: Itália renascentista, talvez o período mais dinâmico da história da humanidade: apogeu social da Igreja Católica (aliada à decadência moral de porção considerável do Clero), Michelângelo, Da Vinci, Brunelleschi, Bórgias etc. Especulação filosófica e estética de alto nível, enquanto rolava solta a Reforma protestante na Alemanha, Suíça e França.
- Galileu viveu num período ligeiramente posterior, de transição para o Barroco³ (nasceu em 1564). Os ventos já são outros. A efervescência cultural italiana continuava (Caravaggio), mas com um sentido muito menos especulativo e mais pragmático. De fato, a água bateu na b.
- Na filosofia propriamente dita, foi um período decadente; Depois de Sto. Tomás, o processo foi de declínio progressivo, e a Renascença não ofereceu grandes contribuições também. Em 1438-1439, houve o Concílio de Florença (tentativa de união das Igreja Católica e Ortodoxa Grega), quando vieram vários sábios do oriente, que o que conheciam mesmo era Platão e Aristóteles; A própria Renascença representa um abandono da escolástica e uma volta à filosofia grega.
- Mas se Sto. Tomás conseguiu fazer uma síntese madura, crítica, profunda do Cristianismo com a filosofia grega, o mesmo não se pode dizer dos renascentistas (preocupados mais com o *sabor* clássico do que com a procura da verdade) e dos barrocos da contra-reforma, meio apavorados com a onda protestante que assolava a Europa; estavam estes mais preocupados em não errar do que em abrir novas frentes em filosofia (o que é compreensível, dentro do contexto).
- De qualquer modo, a maioria dos filósofos e teólogos adotavam como padrão a filosofia de Aristóteles, que possui muitos méritos. Hegel: "se a filosofia fosse

³ Em 1470 se iniciam os primeiros movimentos da Reforma Católica na Espanha, com o Casamento dos Reyes Católicos e a guerra de Reconquista (que só vai acabar em 1609); 1531, cisma Anglicano; em 1534, Sto. Inácio funda a Sociedade de Jesus. De 1545 a 1563 se realiza o Concílio de Trento.

levada a sério, os seus cultores não teriam melhor tarefa do que dar lições sobre Aristóteles” (cit.3, Cintra 1987).

- A grande virtualidade dessa filosofia é a abertura para a realidade: a partir da observação do mundo e da natureza é possível inferir princípios filosóficos gerais. A partir das observações, o homem tira conclusões e levanta hipóteses para explicar racionalmente, ainda que não de maneira absoluta o mundo. Aristóteles é isso (Metafísica).
- Mas Aristóteles escreveu também uma Física, que nada mais é que uma tentativa mais ou menos pioneira de explicar fenômenos concretos que aparecem na natureza usando a razão, sem ter que recorrer a deuses e coisas do gênero.
- Mas como em ciência um ano é muito tempo, é evidente que as teses que Aristóteles propõe, baseadas nos conhecimentos científicos da época (sec IV a.c.), estavam na hora de se mostrarem superadas.
- Aristóteles adota na astronomia as teses de Eudoxo de Cnidos, discípulo de Platão: no centro do universo está uma terra esférica e imóvel gira uma multidão de esferas concêntricas permeadas por éter, cuja perfeição vai aumentando na medida em que se afastam da terra.
- O próprio Aristóteles seria o primeiro a rejeitar essa idéia, se houvesse outra melhor. Mas não os seus discípulos decadentes, que não entenderam nada de Aristóteles repetindo teses hipotéticas como se fossem verdades absolutas: nada mais oposto ao *espírito* aristotélico. Grande desserviço.

Astronomia

- No século III a.c., Aristarco de Samos havia proposto um sistema heliocêntrico: o Sol imóvel no centro do universo, os planetas e a esfera cristalina das estrelas fixas. Era uma hipótese sem maiores fundamentos, mas explicava que os períodos dos planetas ficavam ordenados de acordo com a distância em relação ao Sol.
- O problema: assim, a Terra tem que se transladar numa velocidade estúpida ao redor do Sol e ainda por cima arrastar a Lua, além de girar sobre o próprio eixo. Os gregos sabiam o diâmetro da terra, e deduziram que a velocidade na superfície deveria ser de 1.400 km/h. Se uma pedra fosse jogada para cima e levasse 10 segundos para cair, o faria a 4km do pto. inicial. Newton só aparece no séc. 18.
- Hiparco (190 a 120 a.c.) defendeu o sistema geocêntrico, cujas teses foram assumidas pelo greco-egípcio Ptolomeu, sec II d.c.: Terra imóvel no centro do universo e em torno dela giram Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno e as estrelas fixas.

- Durante a Idade Média prevaleceu o sistema geocêntrico, pois Newton ainda não tinha chegado e pelo prestígio que dava o Aristóteles defender esse sistema.
- Neste período, entretanto, a questão permaneceu em aberto. O próprio Sto. Tomás, Aristotélico de carteirinha, conseguia distinguir as coisas: “Assim, na astronomia, diz-se que a teoria dos epiclos e dos excêntricos (teoria Aristotélica para explicar o movimento retrógrado dos planetas; quem hoje sabe o que é isso!) é boa por que com ela se podem salvar as aparências sensíveis dos movimentos celestes. Isto, entretanto, não constitui uma prova suficiente e decisiva, por que talvez pudéssemos salvar as aparências sensíveis (explicar o fenômeno observado) com uma teoria diferente e mais simples.
- A revolução propriamente dita da filosofia acontece com o polonês Copérnico (1493-1543), com *De revolucionibus orbium coelestium*, que reintroduz o sistema heliocêntrico do Aristarco de Samos⁴. O sistema funcionava muito bem, era mais simples de calcular que o do Ptolomeu, dava menos erro e explicava o movimento retrógrado dos planetas. Havia na época do Galileu muitos eclesiásticos adeptos deste sistema. Em Salamanca, era ensinado desde 1561.
- Havia ainda a teoria do Tycho Brahe (1571-1630), o maior astrônomo de observação da época: a Terra parada no centro, o Sol, a Lua e as estrelas girando ao redor dela e os planetas girando ao redor do Sol. O assunto era complicado.

Sagrada Escritura

- A Bíblia, uma das fontes da revelação sobrenatural, pela sua própria natureza, não tem nenhuma finalidade científica-experimental; para isso simplesmente não é necessária nenhuma revelação.
- Seu objetivo é comunicar aos homens quem é Deus e o caminho da salvação. E utiliza uma linguagem bastante livre, hora histórica, hora poética, hora figurada (muitas vezes dizem de maneira sintética mais do que montes de tratados científicos): (Bar 3, 33-35):”aquele que lança o relâmpago e o faz brilhar, que o chama e ele, bramindo, obedece. Brilham em seus postos as estrelas e se alegram; e as chama, e respondem: “aqui estamos”. E jubilosas respondem para o seu criador”, ou quando afirma que o Braço de Deus não encolheu.
- Desde os Padres da Igreja (Sto. Agostinho, principalmente), a interpretação da Bíblia era feita segundo 4 sentidos que normalmente se podem observar nos textos bíblicos, 4 diferentes leituras: literal, histórico, alegórico e moral.
- Na época do Galileu, com o problema do livre-exame protestante, prevalecia o sentido literal: o próprio Luteranismo é uma interpretação alegórica da Epístola aos Romanos (em prejuízo dos sentidos histórico e literal); uma interpretação

⁴ O sistema foi utilizado pela Igreja para calcular a data da Páscoa, que coincide com a lua cheia do mês de Nissam (abril).

alegórica das palavras de Cristo na última Ceia põe por terra o que é a Eucaristia, e na instituição do Primado de Pedro, o próprio papado e a unidade da Igreja. Com isso, a menos dos casos óbvios e inevitáveis, procurava-se ater ao sentido literal. Estava todo mundo meio apavorado.

- A passagem problemática: Jos, 10, 12-13

. 6 Os homens de Gabaon mandaram dizer a Josué, no acampamento de Guilgal: “Não retires as mãos de teus servos; sobe depressa até nós, e salva-nos! Ajuda-nos, pois todos os reis amorreus que habitam na montanha se reuniram contra nós”. 7 Então Josué subiu de Guilgal, junto com todo o pessoal de guerra e com todos os valentes guerreiros. 8 O *Senhor* disse a Josué: “Não os temas, porque vou entregá-los na tua mão; nenhum deles conseguirá resistir em tua presença”. 9 Josué chegou até eles de improviso, pois subira de Guilgal durante a noite.

O socorro de Deus. 10 O *Senhor* os desbaratou diante de Israel e infligiu-lhes uma grande derrota junto a Gabaon; perseguiu-os pelo caminho que sobe a Bet-Horon e bateu-os até Azeca e Maceda. 11 E enquanto fugiam de Israel pela encosta de Bet-Horon, o *Senhor* atirou do céu contra eles grandes pedras até Azeca, e morreram. Mais numerosos foram os que morreram com a chuva de pedras do que os mortos à espada pelos israelitas.

12 Então Josué falou ao *Senhor*, no dia em que o *Senhor* entregou os amorreus na mão dos israelitas. E disse, na presença de Israel:

“Sol, detém-te em Gabaon,
e tu, lua, no vale de Aialon”.

13 E o sol se deteve e a lua parou,
até que o povo se vingou dos seus inimigos.

(Não é o que está escrito no Livro do Justo?):

“O sol parou no meio do céu
e não se apressou a pôr-se,
quase um dia inteiro.

14 Nem antes nem depois houve um dia como aquele,
em que o *Senhor* obedeceu a um homem,
pois o *Senhor* combatia em favor de Israel”.

A Inquisição

- Grande equívoco histórico da Igreja, visto de hoje: aplicação de penas temporais a questões canônicas (no caso, heresia).
- Doutrina das relações Igreja-Estado não estava bem definida.
- Problema social da heresia.
- Práxis processual de então, direito penal, poder de polícia, braço secular.
- Emitia sentenças disciplinares, não doutriniais e muito menos dogmáticas.
- Muitas vezes foi usada como máquina de pressão para interesses privados (Joana D’Arc, Savonarolla).

C. Dados biográficos e gênese do conflito

- Galileu nasceu em Pisa, 15-fev-1564
- 10 anos, mudou-se para Florença, e foi enviado em seguida para um mosteiro em Vallombroso para estudar; gostou do ambiente, e chegou a entrar como noviço da ordem dos camaldulenses, mas o pai queria que ele estudasse medicina, e por isso foi para Pisa em 1581, aos 17 anos e lá se matriculou.
- Em 1583 começou a estudar matemática de Euclides com Otílio Ricci, e em 1585 abandonou a medicina para estudar matemática, apesar da oposição do pai.
- Passou alguns anos dando aulas de matemática em Florença e Sena, e nesse período fez um trabalho sobre a balança hidrostática e um método para achar o centro de gravidade de sólidos complicados.
- Em 1587 tentou a Cátedra na Univ. de Bologna, mas não conseguiu.
- Em 1589 ganhou a Cátedra da Univ. de Pisa. Lá escreveu um comentário (favorável) à obra de Ptolomeu (pai do sistema geocêntrico), o *Almagesto*.
- Em 1592, foi para a Univ. de Pádua, onde escreveu um trabalho sobre a explicação das marés (errada) baseada no sistema do polonês Copérnico, um termômetro rudimentar, estudos sobre pêndulos (esboçando um relógio baseado nele), a lei da queda dos corpos através de um plano inclinado (com um experimento planejado, instrumentos adequados e observações precisas) .
- Por volta de 1600, travou uma polêmica com Cesare Cremonini, da Univ. Pádua, Aristotélico chiita, sobre a supernova observada por Tycho Brahe (o céu não era mais uma esfera de estrelas fixas etc.).
- Em 1609 Galileu aperfeiçoa o telescópio e descobre um monte de coisas: crateras na lua, manchas no sol, luas de Júpiter, fases de Vênus. Em 1610 publica o *Siderus nuntius*, com grande sucesso nos meios científicos e eclesiásticos. Ao mesmo tempo que despertou a ira dos Aristotélicos de plantão, falando que sujeira na lente, ilusões de ótica etc.
- Foi nesta época, em Roma bastante paparicado, pelo cardeal Bandini, por exemplo, fundador da Academia dei Lincei (hoje Pontifícia Academia de Ciências). Os Jesuítas deram uma festa para ele no Colégio Romano, tinham também feito observações astronômicas e comprovado os dados etc. O papa Paulo V concedeu-lhe uma audiência privada e foi muito amável.
- Em 1611 o Teólogo Ludovico delle Colombe publica *Contra il moto della Terra*, que por um lado elogiava Galileu mas atacava, com base na Sagrada Escritura e nos Padres da Igreja o sistema heliocêntrico (asneira metodológica fundamental). Galileu respondeu também com argumentos escriturísticos. Debate daqui, debate dali, a coisa foi se deslocando de um plano científico para o teológico.

- 1614, Florença, um padre dominicano chamado Tomás Caccini, querendo ficar famoso, fez um sermão lamentável (sobre a passagem do Josué), atacando os matemáticos e o Galileu. Os próprios companheiros de hábito acharam aquilo o fim da picada; outro dominicano, chamado Lorini, para pararem de encher a paciência, mandou para a Inquisição uma carta (com teses exegéticas avançadas para o contexto) de Galileu para outro dominicano, seu discípulo, Castelli. A carta foi examinada e disseram que não tinha nenhum problema.
- Por outro lado, o Galileu era um cara teimoso. Na realidade ele queria um apoio oficial da Igreja para a sua tese: forçar as coisas de maneira tal que a obrigasse a Igreja a se pronunciar de maneira oficial em favor da sua tese.
- O grande personagem eclesiástico envolvido no problema, o cardeal Belarmino, não tinha nada contra o sistema do Galileu; entretanto, conseguiu perceber que o momento era delicado, e recomendou reiteradamente ao Galileu que sustentasse a sua tese como uma hipótese científica e não como verdade irrefutável. Além disso, era um homem bastante rigoroso do ponto de vista científico. Dizia numa carta: “Digo que se houvesse uma prova irrefutável de que o Sol está fixado no centro do mundo e a Terra no terceiro céu, e que o Sol não gira em torno da terra, senão que a Terra gira em torno do Sol, então seria necessário ir com muito cuidado às Escrituras que parecem contrárias, e admitir que não as entendemos, que dizer que é falso o que se demonstra. Mas não creio em tal demonstração até que me seja apresentada” (Carta a Foscarini, 12/4/1615).
- Belarmino insistiu o tempo todo que considerassem o sistema heliocêntrico como *hipótese* científica (que para os poperianos atuais é qualquer tese científica); se quisesse estender a teoria como prova no plano exegético, que ela fosse suficientemente fundamentada.
- Galileu apresentava de fato uma maneira diferente de se interpretar a Bíblia no que diz respeito aos fenômenos naturais, em relação ao que se fazia na época, e diga-se de passagem muito mais acertada. Mas queria basear essa maneira de fazê-lo através de uma teoria científica não demonstrada satisfatoriamente.
- De fato, a explicação que Galileu apresentava era errada (baseada no fluxo e refluxo das marés, fenômeno devido à Lua e não ao movimento da terra). A explicação correta só foi feita depois por Newton (1687) e mais tarde por Foucault (1851) com seu pêndulo.

O primeiro processo

- Enquanto a discussão rolava, Cassini foi chamado a Roma para dar explicações sobre as críticas que estava fazendo a Galileu, e começou, junto com outros, a pressionar a Inquisição que emitisse um juízo (condenatório) sobre o caso.

- 24/1/1616 a Inquisição emitiu um parecer sobre as duas principais proposições que Galileu defendia: que o sol está fixo, como herética e absurda do ponto de vista filosófica, e que a terra faz movimentos de rotação e translação como errônea na fé.
- No dia seguinte houve uma reunião do Papa com os cardeais para avaliar a sentença. Não se sabe se chegaram num consenso sobre a sentença, mas autorizaram duas medidas:
- 1ª de encarregar o Card. Belarmino a convencê-lo a abandonar a teoria do Copérnico, a que ele se negou. Depois, foi advertido verbalmente que não ensinasse a teoria.
- 2ª de proibir os livros do Galileu e do Foscarini que defendessem a teoria heliocêntrica. Por outro lado, sugeria que o livro de Galileu fosse conservado “para utilidade do povo cristão” e que o próprio leitor pudesse corrigir à mão as passagens que apresentavam o novo sistema como verdade incontroversa; o sistema heliocêntrico poderia continuar a ser defendido como hipótese. O que é um tanto contraditório...
- Como vemos não houve fogueira nem para Galileu e nem para o seu livro.
- Depois o Card. Belarmino até saiu em defesa do Galileu, dizendo que ele não teve que perjurar nem fazer penitência. O Papa Paulo V o recebeu logo em seguida, assegurando que aquilo era uma intriga, e que não duvidava da sua integridade.
- Galileu voltou para Florença e continuou trabalhando com astronomia, arrumou uma briga com os jesuítas Grassi e Schaidler sobre 3 cometas que tinham aparecido na época. Publicou “O pesador de ouro”, que defendia a teoria heliocêntrica e que foi aprovado pela autoridade eclesiástica. A dedicatória do livro foi para o Papa Urbano VIII, o conterrâneo Card. Barberini, que era seu amigo e conterrâneo, se sabia astronomia e tinha defendido Galileu diversas vezes.

O segundo processo

- Com isso, Galileu voltou para Roma, para defender novamente o sistema heliocêntrico. Teve várias entrevistas com o Papa e expôs para ele a idéia de escrever um novo livro que discutisse as vantagens e desvantagens dos vários sistemas astronômicos. O Papa apoiou, mas recomendou que não se metesse com o Santo Ofício e que tratasse o sistema do copérnico como hipótese.
- Enquanto isso, o adversário Grassi começou a rever certas posições; a Inquisição analisou obras do Galileu contra Grassi e não viu nada demais: o próprio relator da Inquisição manifestou que o movimento da Terra não parecia condenável...
- 1624 a 1630, Galileu trabalha no Dialogo sopra il massime duo sistemi del mondo, tolomaico e copernicano. Um diálogo entre três personagens: Salviati

(Galileu), Sagredo (um cara normal) e Simplício (inimigo aristotélico chiita). No fim Salviati ridiculariza Simplício, que abandona a discussão dizendo obstinadamente “que só convém aceitar o sistema de Copérnico como hipótese” (as palavras que Urbano VIII tinha dito para Galileu antes dele escrever o livro).

- Em 1630, o revisor de livros da Inquisição era o Pe. Riccardi, amigo de Galileu. Riccardi revisou o livro, apontando as seguintes modificações: mudar o título original, que era Diálogo sobre as marés (para tirar a atenção do argumento discutível), colocar uma introdução e alterar algumas passagens para expor o sistema heliocêntrico como hipótese.
- Mas Galileu não topou, e resolveu imprimir o livro em Florença, e que enviaria depois para Roma.
- Em Florença, onde ele era dono do pedaço, conseguiu que um outro amigo seu, Stefani, aprovasse o livro sem maiores problemas, e sem as alterações no corpo do livro, ó no título e na apresentação, dizendo que o livro já tinha sido aprovado em Roma.
- Quando o livro chegou a Roma, estava impressa a autorização do Riccardi, que ficou possesso.
- Ao mesmo tempo, inimigos do Galileu convenceram o Papa que o estúpido Simplício era ele mesmo.
- Novo processo na Inquisição: Galileu voltou para Roma (sem ficar preso) e foi submetido a 4 interrogatórios: aí ele deixou quieto, tudo bem, eu não estou defendendo esse negócio aí não (EEEEU?), que tinha se esquecido da advertência etc.
- Como ele tinha defendido o sistema condenado, aplicaram uma pena: prisão de 3 anos e recitação de 7 salmos penitenciais. O Papa comutou a pena no mesmo dia para que ficasse no embaixador de Florença em Roma; foi depois para a casa do arcebispo Piccolomini., seu amigo. 5 meses e 8 dias depois da condenação voltou para Florença.
- Voltou para Florença, e continuou estudando mecânica, res-mat, astronomia. Morreu em 1642, assistido por um padre enviado para ele por São José de Calazans. Um dos 3 cardeais que tinham se negado a assinar a sentença, Francesco Barberini, declarou: “Hoje recebemos notícias do falecimento de Galileu (...). Agora, ao cessar a inveja, começará a ser reconhecido quão sublime era esse intelecto, que servirá de guia para toda a posteridade em busca da verdade”

D. Considerações finais

- Atualmente, a atitude da Igreja em relação ao caso é de total abertura para a investigação histórica do processo; os arquivos são de domínio público e o

Papa tem incentivado reiteradamente pesquisas nesse campo, tendo recentemente levantado a sentença infeliz; a Igreja não tem medo à verdade nem de reconhecer os seus erros pastorais.

- Galileu foi sem dúvida um grande cientista, com inúmeras contribuições à mecânica e principalmente ao método científico experimental. E tinha uma noção correta da exegese bíblica em relação a fenômenos naturais.
- Por outro lado, tinha um caráter complexo, com grande tendência à arrogância e à vaidade: quis elevar à categoria de verdade incontestável uma hipótese não suficientemente justificada (em contradição com a filosofia da ciência contemporânea), levar ao grande público essas conclusões prematuras, e fazer ataques pessoais contra seus adversários (“pigmeus mentais”, “idiotas estúpidos” etc.)
- Houve sem dúvida um embate filosófico importante: entre a concepção aristotélica de observação e descrição dos fenômenos (racional) e a necessidade de experimentos rigorosos, quantificáveis e sistemáticos para a emitirem-se sentenças no campo das ciências experimentais.
- Esse embate foi em grande medida alimentado por invejas causadas pelo sucesso que Galileu fazia com as suas descobertas; além disso, esses próprio aristotélicos chiitas tiveram que se entender com a inquisição quando caíram em erros teológicos graves (imortalidade da alma humana e eternidade do mundo).
- A Inquisição, em nome da Igreja, cometeu (mais) um erro (não há por que negá-lo), sem dúvida, metendo-se num terreno que não tinha autoridade (como já havia feito antes). Existem entretanto razões, além da multiforme fraqueza humana, que induziram esse juízo (circunstâncias históricas). Se o caso se tivesse dado na famigerada Idade Média, dificilmente teria ocorrido esse episódio.
- Esses erros foram injustamente aumentados: não houve nenhum pronunciamento doutrinal sobre o assunto, senão um parecer elaborado por uma equipe de consultores e uma medida disciplinar equivocada. As “duras penas” não foram tão duras assim.
- Por outro lado, como já ficou mostrado, a Igreja não era inimiga de Galileu, nem da ciência, nem do sistema heliocêntrico. Não é correto estabelecer bipolos antagônicos: Igreja x ciência. Essa mentira foi criada por pensadores anti-católicos dos sec. XVIII e XIX, reescrevendo uma pseudo-história que apresentava a Igreja como inimiga da razão e um entrave ao progresso da ciência. A história é algo muito mais complexo do que a sua explicação com fins utilitaristas.
- Apesar de tudo, a sentença não impediu o avanço da ciência, já que muita gente continuou estudando o sistema copernicano sem o menor constrangimento. E para a Igreja foi um episódio muito formativo, em não se intrometer em campos que não lhe são próprios, já que não mais nenhum caso Galileu se repetiu. Essa autonomia foi sempre respeitada, a menos de

pronunciamentos condenando procedimentos científicos incompatíveis com a dignidade da pessoa humana e conclusões teológicas furadas extrapolando o seu próprio âmbito.

- “Não pode haver oposição entre a Escritura Santa a Natureza, ao procederem ambas do Verbo Divino; a primeira enquanto ditada pelo Espírito Santo e a segunda enquanto executora fidelíssima das ordens de Deus” (Galileu)